



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

GIL VICENTE. ALGUMAS DETERMINANTES DO SEU GÉNIO LITERÁRIO.

DIAS, Carlos Malheiro

Ano: 1902 | Número: 19

Como citar este documento:

DIAS, Carlos Malheiro, Gil Vicente. Algumas determinantes do seu génio literário. *Revista de Guimarães*, 19 (2) Abr.-Jun. 1902, p. 57-66.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

GIL VICENTE

(ALGUMAS DETERMINANTES DO SEU GENIO LITTERARIO)

- *Sustento en fin lo que escribi y conozco*
- *Que aunque fueran mejor de otra manera,*
- *No tuvieran el gusto que han tenido:*
- *Porque á veces lo que es contra el justo,*
- *Por la misma razon deleita el gusto.*

Arte nuevo de hacer comedias — LOPE DE VEGA.

No seu trabalho monumental da *Historia da Litteratura Portuguesa*, o snr. dr. Theophilo Braga expôz em conjuncto e investigou em todos os multiplos aspectos litterarios e sociaes, a obra de Gil Vicente.

Sem negar que seja possivel conseguir desenvolvimentos aos themas expostos, visto como pela sua amplidão esse trabalho só resolve n'um conjuncto de quadros syntheticos toda a erudição contemporanea sobre as diversas phases, periodos, aspectos e escólas da litteratura portugueza, parece-me já impossivel assentar novas proposições e reformar, quer no todo, quer por parcelas, quer em conjuncto, quer fragmentariamente, o criterio produzido n'essa verdadeira encyclica litteraria. Nada escapou ao genio investigador, paciente e laborioso do philosopho. A sua obra de critica ficará sendo como um indice pontificio para o estudo da litteratura portugueza, e os investigadores futuros, por ventura auxiliados por ineditos conhecimentos e improvaveis descobertas, poderão, quan-

do muito, alargar, desenvolver, com ajuda de novos materiaes, os themas allí já expostos. Só por milagre, a acceitar que jazam, em limbos de esquecimento, preciosas e authenticas documentações, de alcance para nós desconhecido, as grandes linhas geraes do edificio poderão vir a ser sensivelmente retocadas.

Na parte que propriamente se refere a Gil Vicente, todas as supposições d'esse genero têm porém que ser em absoluto afastadas. De Gil Vicente conhecemos a obra completa, revista e annotada por elle, com o auxilio de sua filha Paula Vicente, a convite e por recommendação de D. João III, e impressa em 1562, vinte e seis annos depois da morte do poeta, com o titulo de *Compilaçam de todas as obras de Gil Vicente*.

É de receiar que algumas composições avulsas, do genero de *Cancioneiro*, por ventura valiosas, não tivessem entrado no manuscripto que serviu á edição *princeps*, assim como igualmente se faz sentir a falta de desenvolvimento dado aos *motivos* de canções populares, enxertados pelo poeta no decorrer da sua extensa obra de theatro, e que tão precioso nos seria conhecer, como elemento philologico e litterariamente comparativo.

Essas lacunas não bastam, porém, para reduzir o valor da edição de 1562, nem destroem, sequer ligeiramente, o facto indiscutivel de possuirmos *todallas obras de Gil Vicente*, por elle proprio coordenadas e revistas.

Isto assente em principio, qualquer trabalho litterario, produzido como este, sem pretensões eruditas, terá de ser, quando muito, abreviação de factos, todos já consignados, resumindo-se a uma adulteração de fórma o que não consegue ser uma modificação de criterio. Dois grandes trabalhos se podiam, á custa de pacientes esforços, entretanto elaborar, proveitosos á exegese vicentina. Um seria o minuciosissimo estudo da obra, na sua contextura litteraria, e ha muitos annos que D. Carolina Michaëlis está procedendo, com a sua rara competencia, a esse immenso labôr. Outra, a reconstrucção, baseada em documentos coevos, da vida de Guimarães nos seculos xv e xvi, de onde resultaria illuminarem-se a toda a luz as determinantes do genio de Gil Vicente e sua aspiração social de incorporação do povo na vida *politica*.

Com effeito, a vida das pequenas cidades, quasi extraviasdas, pela distancia, da immediata influencia e dominio da côrte, focos primaciaes da elaboração dos direitos populares, quando delidamente estudada em monographias consciencio-

samente erguidas e fortemente amparadas por documentações seguras, serviria ao historiador para traçar o quadro, ainda inédito, do *Renascimento* em Portugal, com a enumeração de todos os factores originariamente nacionaes que concorreram para imprimir character á era nova. Um homem notavelmente erudito, o snr. abbade de Tagilde, colligiu, ha uns seis annos, documentos inéditos dos seculos xii a xv, para servirem a uma monographia, infelizmente ainda até hoje não publicada, sobre o mosteiro do Salvador de Souto. Mas é essa a unica tentativa, até hoje, de decifração e coordenação dos preciosos documentos guardados nos velhos archivos da Collegiada de Guimarães. As *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* do padre Torquato Peixoto de Azevedo, os materiaes manuscriptos existentes na Torre do Tombo para o *Diccionario Geographico* de Cardoso e algumas poucas obras subsidiarias modernas, das quaes a principal se deve ao snr. Antonio José Ferreira Caldas, eis tudo ou quasi tudo quanto em fontes de informação descobrimos para estudo da antiga villa de Guimarães, no periodo que decorre desde a incorporação á corôa de todo o territorio portuguez até ao cyclo das descobertas, iniciado pelo infante D. Henrique; tanto mais que, para o nosso caso, de nada nos servem as investigações historicas de Alexandre Herculano, que se reportam aos seculos x, xi e xii.

As aspirações sociaes, que bastam só por si para alargar immensamente o alcance da obra de Gil Vicente, são symptomaticas da reacção dos elementos populares, tendendo a interessarem-se na vida politica da nação, phenomeno que se traduziu e encarnou na era chamada da *Renascença*, e a que se seguiu, tres seculos depois, nova convulsão social, por não haver podido a primeira, estrangulada nos garrotes inquisitoriaes e ás mãos avidas dos monarchas, evoluir gradual e pacificamente.

Gil Vicente está com a era nova pelo progresso do pensamento. A sua obra está porém litterariamente radicada á Idade-Média pelos elementos da sua estrutura. Ao desabrochar do reinado do classissismo, quando Rezende escrevia com elegancia vêrsos latinos, Gil Vicente enraizára no escriptor naturalista, representante das forças tradicionaes e populares.

Quando Erasmo o compara a Plauto, é um homem da *Renascença* vendo falsamente, atravez o conceito classico, nm homem originariamente tradicionalista. A razão da inverossimilhança da comparação reside em que Erasmo, philosopho,

viu Gil Vicente, philosopho. Não o soube vêr como poeta. Ao lêr o *Auto da Feira*, Erasmo devia ter tido de Gil Vicente uma extraordinaria imagem, sentil-o tão revolucionario como Luthero. A sua estatura moral devia-lhe ter chegado á Italia com proporções desmedidas. Que um homem, privando n'uma côrte catholica, soffrendo o jugo theocratico da Egreja, vivendo n'um paiz onde periodicamente se escorchavam judeus e christãos-novos, se ousasse erguer, de tagante em punho, para vergastar a curia, era coisa para abysmar Erasmo em reflexões. Porque essa audacia não era a de um jogral, em que a truanice pôde ir até á affronta, mas a de um philosopho, mestre que fôra de rhetorica do monarcha, do homem que dava lições de moral christã aos prégadores de Sãntarem e que tres rainhas, que tantas foram D. Maria, D. Leonor e D. Beatriz, tinham como que consagrado, em seus prestígios maiores de moralista e de poeta.

Mas só um homem do *Renascimento* o compararia a Plauto. Gil Vicente é, como nenhum outro dos seus contemporaneos, uma individualidade creadora. Não só para nós, elle é a primeira encarnação definitiva do theatro, mas para toda a Europa tem de ser havido como o primeiro poeta que dramatisou, no sentido evolutivo, os rudimentos, barbaros e grosseiros, do que alguns chamam agora o theatro seu contemporaneo.

A verdade é que a justa ideia de representação da vida por authenticas figuras animadas, e a preconcebida intenção de pôr ao serviço de uma ideia uma figuração dramatica, essa se obliterára completamente.

As *eglogas* de Encina, as *farças*, *moralidades* e *mysterios* representados em Paris pela *Confraria da Paixão*, os *mysterios* representados na Italia, eram na maior parte fórmãs já archaicas, sem quaesquer condições de evolução artistica, de uma liturgia que se popularisára.

Não ha duviã de que o *theatro hieratico* de Gil Vicente, ou os seus *Autos Pastoris*, como outros querem que se subdivise o chamado pelo dr. Theophilo Braga *theatro hieratico*, tem uma filiação directa do castelhano Juan de la Encina. Mas quanto depressa o poeta portuguez rompe com a estreita formula castelhana, a alarga, decompõe, transforma, e inteiramente a modifica na essencia, na estrutura e no alcance! Querem ainda os mais severos que na evolução do chamado *auto pastoril*, tenham por sua vez influido as peças biblicas do genero dos *mysterios*, das escólas italiana e franceza.

Mas não vão mais além esses confrontos. Desfallecem quando a obra do verdadeiro iniciador do theatro moderno se define e levanta, se ergue sobranceira á de todos os seus contemporaneos e domina como um monumento esses outros projectados edificios que nunca passaram dos alicerces.

Como derivar de Juan de la Encina o *theatro aristocratico*? Como derivar dos *mysterios* francezes o *theatro popular*? Que especie de afinidade existe entre uma *egloga* de Encina e a comedia da *Rubena*? Que longes de similitudes transparecem entre as comedias de Bartholomeu Torres Naharro ou as *paixões* de João Michel e o *Auto da Fama* e a farça de *Ines Pereira*?

A reivindicação para nós, da fundação do theatro moderno, fêl-a, quanto longe é possível leval-a, na sua *Historia da Litteratura Portuguesa*, o dr. Theophilo Braga. O character essencialmente erudito da sua obra não lhe consentiu talvez levar até ás ultimas consequencias essa affirmacão. Mas outros notaveis criticos de França e da Allemanha, mais libertos do que nós do *pesadello* castelhano, adiantaram-se-nos n'essa reivindicação, collocando o nome de Gil Vicente em primeiro logar, antes dos de Bibiena, Lope de Rueda, Hardi, Hans Sachs e Marlow, reduzindo á sua verdadeira significacão todos os grosseiros esboços que com o nome de theatro antecederam a obra vicentina.

Eu já ouvi expôr como as mais poderosas determinantes do genio de Gil Vicente a sua vida universitaria, que o integrou no conhecimento das leis e no campo especulativo da jurisprudencia; a sua vida na cõrte, em contacto directo e quasi permanente com o alto clero e nobreza, e que lhe forneceu pela observacão o melhor da sua obra de moralista e de critico; por ultimo a propria coincidencia da sua vida com os acontecimentos que transformaram de surpresa a existencia politica de Portugal.

Gil Vicente foi o contemporaneo das descobertas e conquistas, viveu nos mais gloriosos reinados, privou com a cõrte pharoanica de D. Manoel, assistiu a toda a epopêa maritima na sua phase heroica e aventureira.

Não ha duvida de que estes são importantissimos factores, que seria inepto desprezar, na analyse da obra e no estudo do poeta.

Mas uma coisa esquece a quem assim pretende determinar as diversas influencias a que obedeceu o character e a orientacão litteraria de Gil Vicente: — é de que nascera em Guimarães.

De accordo em que foram Lisboa, a Universidade e a côrte que o encaminharam para o *Renascimento* pelo renova-mento do criterio philosophico; de accordo em que foram Lisboa, a Universidade e a Côrte que decidiram da eclosão do seu genio e o serviram nos seus fecundos talentos litterarios; de accordo em que foram Lisboa, a Universidade e a côrte que lhe ofereceram os motivos para a desflagração da sua veia satyrica. Mas ao ajoelhar em frente ao leito da rainha D. Maria, n'essa noite memoravel de 8 de junho de 1502, não foram flexiveis joelhos de cortezão, nascido e agasalhado nas antecamaras dos paços, que roçaram os tijolos ou calca-ram as tapeçarias. Esses joelhos tinham nascido de aço, eram de um filho de proletarios, de um homem nascido a muitas leguas dos paços da Alcaçova, n'uma villa ciosa dos seus pri-privilegios, onde os *mechanicos* eram uma pequena nobreza de espada, e que os foraes quasi tornavam sagrada á prepotencia do fidalgo.

Melhor do que o gibão palaciano ou a capa de velludo com que se adornára o antigo mestre de rhetorica do Duque de Beja, ia-lhe a matar o disfarce de vaqueiro.

Devia ter trinta e dois annos o poeta e quasi oito de côrte. É certo que fallava o francez e o castelhano, indicando primores de cortezania, senão antes notavel cultura litteraria ¹. É certo que entre o sabor rustico dos seus versos havia gentilezas ao sabor mais requintado da escôla italiana e phra-ses lyricas que Sá de Miranda e Camões não desdenhariam. Mas a linguagem, para ser mais sentida, fizera-se mais po-pular. O frequentador do paço soccorreu-se do cajado de um pastor. O humanista disfarçou-se em pegureiro. O poeta da côrte voltou a ser o poeta de Guimarães, n'essa hora para elle e para a litteratura decisivas, em que se ia iniciar, em frente ao leito real de uma parturiente, o theatro portuguez.

Certamente que a admittir um Gil Vicente sem allianças populares consanguineas, nunca d'elle poderíamos esperar que na sua obra immortalmente fizesse reviver, n'uma comprehen-são que tem tanto de admiravel como de intuitiva, a alma na-cional, na sua mais franca e nitida expressão popular.

Inevitavelmente, o poeta teria seguido a voga classica e adornado a sua lyra, de mais delicadas cordas, com os lourei-

¹ O castelhano era idioma da côrte e tudo deixa presumir que grande parte do povo o conhecia ou pelo menos o entendia sem esforço. Outro tanto se não dava com o francez.

ros mythologicos da *Renascença*. A privança do paço, a vida de côrte, a convivencia de embaixadores e humanistas estrangeiros facil trariam á obra do poeta o sabor inconfundivel da moda litteraria, tão avessa ao plebeismo de que usou. A sua illustração e conhecimentos, que philosophicamente o integram no *Renascimento*, deixam presumir que só a motivos atavicos, a uma anterior educação, a uma independencia artistica conquistada no meio familiar, se deve o character litterario da sua obra de realista. É pois á sua infancia, a todo o periodo que precedeu a sua venturosa jornada para Lisboa, que temos de ir buscar os seguros elementos de analyse para a comprehensão integral da sua obra.

Não me parece que seja levar muito longe a phantasia o suppôr que, partindo de Guimarães a caminho de Lisboa, o chamasse seu tio Luiz Vicente, ourives, e que em sua casa e officina, com seu primo Gil, futuro cinzelador da Custodia, o poeta se hospedasse *para cursar a Universidade*. O certo é que a emigração da familia, de Guimarães para Lisboa, se operou; que a dynastia de ourives se desenraigou da villa e se transplantou para a côrte, onde era de esperar prosperidade maior para o officio, alli subsidiario apenas da arte sacra; em Lisboa servindo a nobreza opulenta, ávida de joalherias e baixellas, excitada pelo fausto do monarcha salomonico, n'um delirio de megalomania tal, que ainda em Alcacer-Kibir encastoava de aljofares os xaireis dos cavallos de batalha e effeminava de brancas perolas as cotas de Milão.

Segundo os commentadores de Gil Vicente, esse furor de luxo provocou o exodo dos ourives. O arcebispado primaz das Hespanhas e a opulenta Collegiada da Oliveira teriam exgotado as encomendas de calices, piscides, custodias, patenas e relicarios do culto. A lenda dos galeões, lastrados de barras de ouro, batera as azas maravilhosas por Portugal, fazendo convergir de toda a parte, para Lisboa, tribus de aventureiros e de artifices.

Por esse tempo, Luiz Vicente chama o irmão viuvo, Martin, para junto d'elle. Por ventura essa viagem não obedeceria já ao plano de fazer cursar a Gil a Universidade? Devia andar pelos dezoito annos o poeta. Não é crível que os ourives lhe impuzessem o estudo da jurisprudencia, se a esse tempo Gil Vicente não se evidenciasse superior em talentos e já não fôra n'elle accentuada a vocação de letrado.

O poeta pertencia a uma dynastia proletaria em que parecia hereditario o officio de lavrantes de ouro e prata. Já isso

implica disposições artisticas, onde enxertar esse vicejante ramo litterario da estirpe plebeia. Vindo para Lisboa, não o trazia apenas a ambição do velho pae pelas fartas encomendas de gumis lavrados, mas talvez só conduzisse o exodo da familia a aspiração de vêr o engenho do filho expandir-se, granjeando-lhe campo mais largo ao talento.

O poeta não veio nascer a Lisboa. Vinha feito de Guimarães. Da villa natal trazia já uma sensível cultura, que ia permitir-lhe o rapido accesso á Universidade. Tendo por certo que em 1493 o escolhera D. Leonor para mestre de rhetorica de seu irmão o duque de Beja; e tendo por provavel a sua vinda a Lisboa por 1488, temos que no curto espaço de cinco annos se bacharelára em leis e adquirira a fama que lhe ia valer a escolha da rainha para mestre do futuro rei de Portugal.

Posto isto, é já impossivel deixar de recorrer a Guimarães para explicar e comprehender o poeta, que lá nasceu e lá se fez. Só esta ultima presumpção explica a sua viagem para Lisboa, desde que se torna desrazoavel visionar ambicioso, no declinar da vida, seu pae Martim, ao tempo viuvo. Nem se podem mesmo filiar na existencia da côrte os caracteres populares da sua obra, o seu culto pela natureza, a sua singular penetração da vida simples, o perfume de rusticidade de algumas das suas composições, o encanto sylvestre das suas mulheres, a sua como que nostalgia dos horisontes verdejantes, que só em Torres Vedras serenava, pela identificação, ainda que vaga, com o panorama que rodeia Guimarães.

Não foi na côrte nem na Universidade que elle aprendeu a sentir com a alma popular e lhe comprehendeu as aspirações sussurrantes. Não foi na côrte e na Universidade que se lhe formou esse severo feitio de moralista e essa latente reacção contra todas as manifestações oppressivas do pensamento. Pelo contrario, Guimarães, com essa autonomia quasi suzerana com que a privilegiaram os foraes e provisões de D. Diniz, D. Pedro I, D. Fernando, D. João I, D. Affonso V e D. João II, e onde as classes proletarias dominavam, como sendo os elementos mais fortes do seu florescente progresso, feito a um tempo de actividade industrial e prestigio religioso, explica largamente, no filho do ourives, esse feitio natural de independencia, que a educação philosophica veio ainda n'elle avigorar.

A villa de Guimarães, coroada pelas torres do seu castello, atravessada pelas altas muralhas affonsinas, alapada

n'um valle verde molhado de aguas e sombreado de arvoredos, foi n'essa época um centro notavel de actividade proleteria. A sua dependencia directa do poder real, ao passo que Braga estava sujeita ao poder temporal dos arcebispos e Barcellos era apanagio feudal dos duques de Bragança, dava-lhe como que uma suzerania, o vago aspecto de uma republica governada pela collegiada e pela camara. A isenção espirital do predomínio bracarense, que punha sob a immediata jurisdicção do Papa a sua famosa conesia, accrescera-lhe o prestigio tanto temporal como religioso. A milagrosa imagem da Senhora e o tronco milagroso da oliveira faziam confluir para a villa continuas romagens piedosas, como para uma Lourdes medieval.

Desde a reedificação do templo por D. João I, Guimarães como que se transformára tambem em redor do monumento religioso, vivendo d'elle e para elle. O castello fôra a antiga razão da sua existencia; o templo era a actual razão do seu progresso. As artes sacras desenvolveram-se. O thesouro de Santa Maria passou a ser uma escôla regionalista de ourivesaria e arte ornamental. As procissões, as festas de egreja, as romagens de fleis, vieram animar a vida vimaranense, fazendo do antigo burgô de Mumadona, pela concorrência de forasteiros e as facilidades do commercio (tão especialmente protegido no foral de D. Manuel), «*um centro de população activo e independente*».

Comprehende-se como n'esse meio favoravel o temperamento artistico de Gil Vicente se desenvolveu, como a sua sensibilidade poetica se impressionou, como, decisivamente, esse meio actuou na sua vocação.

Ainda que presumindo quaes fossem os conhecimentos que o poeta adquirira frequentando a escôla da Collegiada e os materiaes pedagogicos que esses estudos rudimentares lhe tinham fornecido, temos de admittir que elles nunca poderiam imprimir ao seu espirito uma educação avançada, de fôrma a integral-o na admiração da antiguidade classica pelo desprezo das fórmulas litterarias medievaes. Mas se por um lado, os seus preparatorios humanistas o deixaram radicado, como uma arvore do monte, á expressão litteraria naturalista, por outro lado esses estudos asseguraram-lhe a posse de todo um ramo de conhecimentos, em canones e leis (de que elle mais tarde se havia de rir n'uma das suas farças), e que o habilitavam a entrar desde logo na Universidade. É-nos tanto mais facil acreditar que de Guimarães partiu para a aventura de Lisboa

preparado á reivindicação das honras de letrado e de poeta, que lhe cabiam, quanto se nos depara já no seculo XVI a fama do collegio de Santa Maria da Costa, onde os lentes, por privilegio de D. João III, conferiam graus de licenciados, bachareis e mestres em artes!

Temos pois que a sua educação humanista, em Guimarães, não foi nem tão vasta nem tão avançada que lhe permittisse, a dentro d'ella, integrar o pensamento novo da Renascença; e que esses estudos não eram tambem tão estreitos que não lhe servissem á elaboração das suas primeiras tentativas litterarias.

Esse espirito do Renascimento, tão accentuado n'elle, veio-lhe da intervenção poderosa do proletariado na vida social de Guimarães, do conflicto de classes, de que Gil Vicente era o mais elevado symbolo, na sua duplicidade de obscuro pelo sangue e illustre pelo engenho. Concretisaram-se n'elle todas as aspirações populares. Elle foi a primeira manifestação da *opinião publica*, e a propria synthese psychologica do *Renascimento*.

Se depois de propôr esta these e de termos chegado, por simples deducções logicas, a concluir pela preponderante e decisiva influencia de Guimarães na obra do poeta, descessemos a procurar n'ella a confirmação de semelhante affirmativa, este ligeiro estudo ameaçava tornar-se de uma extensão de livro.

Não é raro encontrar na obra de Gil Vicente reminiscencias de trovas e cadencias gallegas. As suas mulheres têm um especial encanto e por vezes até uma ingenua alegria, que não é facil suppôr nas populações de Lisboa, encurraladas nas moradias de resalto e telhado flamengo das viellas de Alfama, enlaçadas pela muralha de D. Fernando. Ha n'ella, de tempos a tempos, exuberancias tyricas e bucolismos de vida pastoril que deixam adivinhar longinhas evocações de uma outra existencia anterior, onde as mulheres fossem viçosas, os horisontes verdes, o céu mais claro, mais fresca a terra e mais suave a vida... E afigura-se-me que é ainda e sempre Guimarães, que o poeta, exilado na côrte, evoca, com as suas torres vetustas, as muralhas de D. Diniz, a serra de Santa Catharina, as aulas claustraes da Collegiada, os seus riachos onde as moças vão lavar, as suas procissões e festas sacras, as suas veigas onde pascem os rebanhos e as adufas por onde espreitam os olhos negros das mulheres...

CARLOS MALHEIRO DIAS.